

SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

O SECULO

O Seculo Comico

Propriedade de J. DASILVA GRACA, Limit.*

Director: ACACIO DE PAIVA



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43, — Lisboa

Trapalhada Maritima do Estado



*N'um porto estrangeiro;
— Pelo amor de Deus, dê-me uma esmolinha para comprar carvão para o va-
por, a ver se nos podemos ir embora!*



PALESTRA AMENA

PALESTRA AMENA

O maravilhoso

Volta a estar na moda o maravilhoso, a transmissão do pensamento, a adivinhação, a prestidigitação e outras manigâncias que dão de comer a certos ratões á custa de muitos ingenhos. Um cavalheiro chega a um palco, consente que lhe vendem os olhos, volta as costas para a plateia; outro, companheiro d'aquelle, percorre as bancadas, vai de cadeira em cadeira pedindo aos espectadores que lhe mostrem um objecto qualquer, pergunta, de longe, ao vendado bruxo de que objecto se trata e o bruxo responde immediatamente:

—E' um lenço... é uma chave... é um relógio... é uma carteira, etc.

A plateia fica assombrada—e como nos encontrassemos, não ha muito, entre os espectadores, em certa ca a de espectáculos da capital e explicassemos o «misterio», racionalmente, ao nosso visinho de lado, este indignou-se com a nossa descrença e preferia a uma interpretação natural e verdadeira a patética da transmissão do pensamento.

Ora, não ha nada mais simples. O bruxo e o «compêre» tem decorado um grande numero de palavras, correspondendo cada uma delas a um objecto de uso comum e portátil, o «compêre» introduz na frase interrogativa a palavra decorada antecipadamente e o bruxo não hesita—responde com a maior segurança e pismo geral. Exemplo: «Senhor» significa «lapis». O «compêre», agarrando n'um lapis que um espectador lhe entregou:

—Que me den este «senhor»?

A resposta, já se sabe, é:

—Um lapis.

Outro, «Algozeiro» quer dizer «relógio».

—Que tem este cavalheiro na «algozeira»?

—Um «relógio».

Ai está a maravilha. Quem duvidar pode fazer uma experiencia: não consinta qu o companheiro do cidadão vendado faça a pergunta ou exija que ele a faça, não como lhe aprouver, mas nos termos que o espectador lhe indicar e verá como a marosca se descobre logo.

Em tempos assistimos a outro milagre, n'um teatro de provincia; foi o seguinte: o prestidigitador entrava na plateia, de espada na mão e com a ponta da espada acendia seis ou mais velas que se achavam nos respectivos castiçais. Houve um grande ah! admirativo e como aventassemos a ideia de que cada pavio de vela tinha um bocado de massa fosforica e de que a ponta da espada estava aquecida a alta temperatura, quizeram pôr-nos fóra da sala, por desorientes e estúpidos.

Outra vez vimos que o prestidigitador collocava sobre uma mesa triangular uma caixa vazia; abria a caixa e sur-

tiava uma cabeça, como que decepada, porque o resto do corpo a que ella pertencia não estava visível. Então, não estivemos com explicações inuteis; agarrámos n'uma moeda de 5 réis e arremessámo-la contra os lados da mesa, batendo n'um dos espelhos que, reflectindo o papel das paredes do palco, davam ao espectador a illusão de que a mesa era óa.

A gargalhada foi geral, o homem da «cabeça-falante» foi corrido e nós apressámo-nos a ir aos bastidores pedir perdão da diabrura, arrependidos e jurando não nos tornarmos a meter noutra.

Era o ganha-pão do desgraçado e, que diabo, tanta gente o ganha menos honradamente do que os pantomineiros dos coliseus!

J. Neutral.

Tragedias comicas

Um jornal tido por serio inaugurou um dia destes, a proposito dum assassinio, a reportagem tragi-comica, com excellent resultado, qual a de amenisar as cruzes da vida e dulcificar as suas «margurs», como nos velhos dramalhões se entremecavam as scenas de terror com a farça.

Ai vão alguns modêlos, para futuras noticias.

Morte engraçada

Ha dias F., um gebo de 60 anos, casado com uma péçega de 20, encontrou a pandega da esposa com o primo, em amoroso colloquio. Não se teve com meias medidas, o marido atraçoado: a rir perdidamente, disparou sobre os



dois gentis pombinhos, que se rebolaram comicamente pelo sobrado, em cabriolas ultra-chistosas, furados por balas quem sabe se em sitios melindrosos...

Os alegres cadáveres foram removidos para a Morgue, onde contam ver-near.

Incendio-parodia

Hontem entre as 10 e as 11—hora da bebedeira—uma ponta de cigarro teve o bom gosto de pegar fogo no armazem de fazendas do sr. X, que tem uma sorte de todos os diabos.

O lindo espectáculo prolongou-se por muitas horas, porque a agua das bôças de incendio não esreve para apparecer, de modo que os haveres do supradito X. arderam todos, felizmente, e como não estavam no seguro o dono achou-se satisfetissimo.

Nas chamas pareceram a esposa e tres filhinhos do sr. X. e isso foi o mais engraçado da historia.

Infanticidio... e peras

Como a sr.^a Z. tivesse tido a extravagancia de dar á luz um raio d'um peiz sem pai conhecido, como as subsistencias estão pelos olhos da cara e a Z. não possuia o sufficiente para viver ella sózinha, quanto mais o trambolho do garoto, resolveu apertar-lhe o gorgomilo o que obrigou o oriança a deitar a lingua de fóra e a partir d'esta para melhor. Fez ella muito bem.

Musica do futuro

Estão fazendo furor nas orquestras parisienses as dissonancias de paus batendo uns nos outros e outros modernismos que os americanos, sempre inventivos, tem introduzido ultimamente na musica. O exito tem sido estrondoso, na capital do mundo civilizado, pelo



que se reconhece que isto de harmonia é melodia não passava d'uma reverendissima treta; o batuque selvagem está evidentemente muito mais perto do que deva ser a musica, do que a «Carmen», por exemplo.

Ha quem diga que o Wagner tinha previsto o mesmo, mas seja como fór, o que é certo é que a natureza, a sabia dos sabias, não fez pianos, rabecas, saxofones, etc. etc., mas fez os regatos, o vento, as cigarras, que produzem ruidos encantadores, no dizer de todos os poetas.

Cada passo, pois, dado para a frente, é um passo dado para traz. Tomáramos já andar de tanga!

Correspondencia

L. S. (R. PASCOAL DE MELO)—Temos visto besta malcriadas; mas d'essa força é a primeira. Vá dar coices á familia, seu burro.

X. PINTO—Porque não aprende a escrever portuguez? Verá que não é diffiil.



TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Zefa du mê curasão.

Nau, cei se te diga se ta conte cuma noite di estas fui intê ó triato Avenida ver uma pessa chamada a «Soubra» cuja esta tamen levantou grande questão como o «Pescador de perulas» por oitra, a timbraram-se de arropetir com a «Soubra» du Nicodemos u reclamo da «Escola de cocotia» a ver se tamen poravam as bixas i vai dai cartas prá Intalia I da Intalia para cá a dezerem cu pessa pretensa ó Mindonsa oitros ó Luiz Preira i u governador cevil mettido en dansas cen çuber u cavia de fazer caudonisto u Carlos Brojes mette uma grande cunha i u Mindonsa arrepresenta a pessa i nu dia seguinte o Luiz Preira a presenta u telegrama p l s fios du telefo lá da Intalia dus oitros a protestar mas tarde piaste cu pessa já estava arrepresentada nu Avenida i pur cinal que me pairesse que nau valia muito a penna andar pra cá i pra lá cun cartas i telegramas porque a pessa ven a cer canto a mim princepalmentes un caso médeco i tudo u



mais ção assessorios sin inpurtañsias de maior cujo caso é a sr.^a Maria Matos istar á 6 anos parliteca numa pelintrona sem rodas caquillo deve dar un trabalho toudos os dias a andar in xarola da çala pró quarto i du quarto prá çala i intão vem u João Lopes que é levado dus dianhos prá duensas du utro i nan ce sabe como vem ele a sr.^a Maria Matos mexe prumero uma mão i ós pois oitra i flea touda admirada a ulhar prá s mões i ós pois u João Lopes diz alevantate i caminha como aquillo de jasus cristo i du lazro i ella alevntate i caminha infetivelmente i ós pois sabe cu bregreiro du marido tem un filho cem cer dela i cunformase porque já ce çabe cun ome nau é de gesso i ninguem diga desta anga nau bubre i cun isto nau te infado mais i esculpa nan cer mais istenso pur çosa da carstia du papel i as minhas pra contigo çó á vista terão fin arussebe çoidades mémo cá de dentro deste ca vida te deseija i mail ós noços caxopos i a touda a uvrigassão i nau te isquessas tamen de dar çoidades ós bacros có tempo que ção bacros já devem istar porcós benzós

EM FOCO

O pintor Eduardo Viana



*Diz-me um amigo certo, e não duvido,
Que é pintor com multissimo talento;
N'um dia em que me encontre pachorrento
Irei ver, se não sou intrometido.*

*Na mirha qualidade de entendido
Então direi do seu merecimento;
Por agora, vai este apontamento
Que pelo tal amigo foi pedido.*

*E fique já sabendo, por cautela,
Que não me satisfaz n'uma pintura
Senão a obra realmente bela.*

*Tenho bom olho e critica segura;
Cá para mim a mais formosa tela
E' a que possuir melhor moldura.*

BELMIRO.

dens i u mim me nau desinparaç amen jasus maria indê teu pra compre intê quando dens quixer.

Jerolmo

Emprezario do Pauliteama
de Peras Rulvas.

LOGARES SELECTOS

I

Não ha nunca amor perfeito
Sem tortura e sem cuidado.
Amar é ter Dens no peito,
Outra vez crucificado...

II

Solteirinha é bom que agrade
Mas com virtude na graça...
Seja uma porta de grade,
Vê-se tudo — e não se passa.

III

Se eu fosse as pedras morenas
Lá da serra adonde estás,
As pedras seriam penas,
As penas que tu me dás...

IV

A galera «Mocidade»
Que eu levei a correr mundo
Foi ao fundo, foi ao fundo,
No mar largo da saudade!

V

Amor fundo sofre e cala
Se tens o affecto d'alguem,
Não lhe escentes só a fala,
— Onve o silencio tambem...

VI

Má lingua de chafariz
Billas cheias, já se cala,
Deixa lá dizer quem diz!
Deixa lá ialar quem fala!

VII

En tiroi-te o meu chapen,
Depois falámos a medo.
Quanto ao mais que acontecer
Não conto, porque é segredo.

VIII

São os dois peitinhos dela
Outeiros de lindo cume,
Trago lá de sentinela
Num o amôr, noutro o ciuemo...

(De AUGUSTO GIL)

São de gesso

Sobre uma porta das salas do Congresso foram agora colocados, para ornamentação—pois para que haviam de ser?—dois leões, os quais, segundo noticia um reporter, são de gesso.

Adivinha-se que o maroto tem sincera pena de que não sejam de carne e osso, como qualquer de nós, para po-



derem intervir eficazmente em certas occasões.

Pois nós, não levamos tão longe a maldade, ou antes, os desejos de justiça; em vez de leões contentarmos-nos com cães de fila, que fincassem a dentuça nas carnes posteriores dos pais da Patria, quando estes dissessem asneiras de maior.

Em flagrante



Aspectos de Lisboa, nas diferentes horas do dia.